

Cientista estuda 'nanicos' do Nordeste

RECIFE (O GLOBO) — O cientista Nelson Chaves, que desde 1963 pesquisa sistematicamente a nutrição (e desnutrição) do homem no Nordeste, disse que a região, além de produzir gerações de "nanicos" vê aumentar o número de crianças que nascem com debilidade mental irreversível provocada por carência alimentar.

— O fato é mais evidente, na Zona da Mata Sul de Pernambuco (região da cana-de-açúcar) onde algumas crianças já nascem com apenas 50 por cento das células nervosas — afirmou.

Estes dados segundo o cientista, agravaram-se nos últimos anos, mas já foram revelados em 1963 numa pesquisa coordenada por Chaves e publicada pela USAID em 1965. Na primeira pesquisa, em 1963, 5.538 pessoas foram observadas, das quais 963 eram crianças de menos de cinco anos de idade, em seis localidades diferentes da Zona da Mata de Pernambuco e Paraíba.

Exames clínicos, parasitológicos, medidas antropométricas

(peso, estatura, tamanho do crânio), exames de sangue e de urina foram realizados neste trabalho. Na região, de acordo com as informações de Nelson Chaves, é comum encontrar homens de 1,48m de estatura, crianças de dez anos com estatura de cinco, e crianças de quatro anos ainda engatinhando.

HORMÔNIOS ARTIFICIAIS

O problema, segundo ele, é a falta de proteínas e de vitaminas:

— Sem proteína não tem osso, não tem crescimento da hipófise. Os pigmeus da África, Ásia e Oceania têm 1,48m, mas lá o nanismo é genético. Eles são espertos, ativos e avançados. Não crescem porque há falta de resposta da matriz óssea aos hormônios de crescimento — disse Chaves.

Os estudos das relações entre o crescimento e a alimentação em grupos populacionais foi iniciado pelo antropólogo americano Franz Boas com filhos dos judeus, e japoneses

que migravam para os Estados Unidos.

— A razão do aumento da estatura, como da diminuição (caso Nordeste) está exatamente na nutrição ou na desnutrição — explicou Nelson Chaves. Ele também informou que os hormônios do crescimento produzidos artificialmente são inúteis nestes casos. A diminuição da estatura começa na gestação. A mulher nordestina, principalmente na Zona da cana-de-açúcar e no Agreste, tem diminuído o tamanho da bacia pélvica, a capacidade de produção de leite, pela falta de hormônios. E os hormônios somente são produzidos normalmente com alimentação adequada.

Apesar do respaldo de mais de 500 trabalhos publicados sobre o assunto nas últimas quatro décadas, Nelson Chaves recorre à última pesquisa promovida pela Sudene, divulgada há um mês, que mostra um quadro da situação de nutrição do Nordeste com dados estatísticos.

— Paradoxalmente, na região mais pobre do país e onde

se concentra 30 por cento da sua população, os alimentos são mais caros. Dados comparativos evidenciam que, para um crescimento do índice de salário mínimo mais ou menos uniforme em diversas capitais do país, houve um grande desnível do índice de preços de alimentos. Este índice, no Recife, cresceu nove vezes no período de 1977 até novembro de 1980; no Rio de Janeiro e São Paulo, nesse mesmo período, o crescimento foi de 5,4 e 5,2 vezes respectivamente — declarou.

Na análise da pesquisa da Sudene, os técnicos afirmaram:

“A carência, subnutrição e até mesmo a fome se alastraram na região, trazendo atrás de si sérias consequências econômicas, sociais e políticas. A intensificação da pecuária, a ampliação das áreas cultivadas com produtos agrícolas não alimentares (cana-de-açúcar, café, cacau etc.) e a atuação do reflorestamento vêm promovendo a ocupação de áreas que antes eram desti-

nadas à produção de milho, feijão, mandioca, arroz e outros produtos alimentares.”

Chaves não cansa de repetir que o quadro é conhecido há várias décadas e mostra, na pesquisa publicada pela USAID em 1965, um resumo de sugestões de política agrícola para produção de cereais e animais para alimentação dos nordestinos.

As pequenas propriedades que, de acordo com pesquisa do Banco Mundial, produzem a maior parte dos alimentos no Nordeste têm sido absorvidas pelos grandes proprietários para a produção de produtos de exportação. Estas empresas — segundo Nelson Chaves — “produzem as sobremesas para a população da Europa, dos Estados Unidos: o cacau, o café e o açúcar”.

No sertão do Nordeste, onde, segundo Nelson Chaves, o estado de desnutrição é menos grave, “a indústria da seca tem trabalhado no sentido de igualar a situação das regiões mais miseráveis como a Zona da cana-de-açúcar”.